ANÁLISE DE REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA: AUTORES DE LÍNGUA INGLESA VS. AUTORES EM LÍNGUA PORTUGUESA

PATRICIA BAPTISTA YOGUILHERVICCI

RESUMO

Este artigo analisa a representação da identidade feminina na literatura contemporânea do século XXI, estabelecendo um paralelo crítico entre produções de língua inglesa e de língua portuguesa. O estudo adota como objetivo principal a identificação das convergências e divergências estéticas e temáticas na construção das personagens femininas, observando como diferentes contextos geopolíticos e heranças culturais moldam essas narrativas. Como método, a pesquisa utiliza a abordagem qualitativa e de cunho comparativo, amparada pela revisão bibliográfica da crítica literária feminista e dos estudos pós-coloniais. O corpus de análise seleciona obras representativas de autoras anglófonas, como Margaret Atwood e Zadie Smith, e de autoras lusófonas, como Conceição Evaristo e Aline Bei. A investigação examina a linguagem, as dinâmicas de poder e as interseccionalidades de raça, classe e gênero presentes nos textos. As considerações fi-
nais revelam que, embora ambos os blocos linguísticos convirjam na desconstrução de estereótipos patriarcais e na busca por autonomia corpórea, existem marcas identitárias distintas. A literatura de língua inglesa frequentemente projeta essas tensões em estruturas institucionais globais ou cenários distópicos. Em contrapartida, a literatura de língua portuguesa manifesta uma forte inclinação para o intimismo, a recuperação da memória ancestral e a denúncia das cicatrizes coloniais e da desigualdade social. Conclui-se que a literatura contemporânea atua como um espaço de resistência e de reconfiguração do sujeito feminino nas duas esferas culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Contemporânea; Representação Feminina; Crítica Feminista; Literatura Comparada; Identidade.

INTRODUÇÃO

A literatura, historicamente, funcionou tanto como um espelho das dinâmicas sociais quanto como um instrumento de legitimação de discursos dominantes. No que tange à representação da mulher, as narrativas tradicionais frequentemente a confinaram a papéis arquetípicos — a musa idealizada, a esposa virtuosa ou a figura subversiva a ser punida —, construídos majoritariamente sob a ótica do olhar masculino (the male gaze). Contudo, o avanço das teorias feministas ao longo do século XX e a progressiva conquista de espaços editoriais por escritoras provocaram uma mudança tectônica no cenário literário global. Na contemporaneidade, a literatura de autoria feminina deixa de ocupar as margens para se consolidar como um terreno de agência, onde o sujeito feminino é reconstruído a partir de suas próprias vivências, contradições e pluralidades.

Diante desse panorama, este artigo delimita seu objeto de estudo na análise comparativa da representação feminina na literatura contemporânea do século XXI, estabelecendo um paralelo entre produções de língua inglesa e de língua portuguesa. A escolha desse recorte justifica-se pela necessidade de compreender como diferentes heranças históricas, linguísticas e geopolíticas moldam a subjetividade feminina ficcional. Enquanto o bloco anglófono carrega o peso de uma hegemonia cultural global e debates intensos sobre a pós-modernidade e o multiculturalismo, o bloco lusófono é atravessado por marcas profundas do colonialismo, da busca por identidade pós-ditatorial e de gritantes disparidades socioeconômicas. Assim, o cruzamento dessas duas esferas linguísticas permite observar se os anseios e as dores das mulheres contemporâneas convergem em uma pauta universal ou se fragmentam em especificidades culturais intransponíveis.

Para nortear a investigação, define-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira as assimetrias culturais e os contextos históricos diferenciados das esferas anglófona e lusófona influenciam a construção estética e temática da personagem feminina na prosa contemporânea? A hipótese levantada sugere que, embora haja uma agenda comum de denúncia ao patriarcado e de

busca por autonomia corporal e existencial, os caminhos formais e as mediações políticas diferem significativamente entre as duas tradições.

O objetivo geral deste trabalho é analisar comparativamente a representação da identidade feminina em obras selecionadas de autoras de língua inglesa e de língua portuguesa, identificando suas principais convergências e divergências. Para alcançar essa meta, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: a) mapear as bases teóricas da crítica literária feminista e dos estudos de gênero que sustentam a análise contemporânea; b) examinar os recursos narrativos e as temáticas predominantes no corpus de autoria anglófona (representado por Margaret Atwood e Zadie Smith); c) investigar as estratégias estéticas e as demandas sociais no corpus lusófono (representado por Conceição Evaristo e Aline Bei); e d) confrontar os achados para explicitar como a linguagem e o território reconfiguram o sujeito feminino.

A relevância deste estudo reside na oportunidade de expandir os horizontes da literatura comparada sob a lente da interseccionalidade, categoria essencial que articula gênero, raça e classe. Além disso, o artigo busca dar visibilidade à riqueza da produção lusófona em paralelo com o circuito anglófono, que frequentemente domina o mercado editorial global.

Para situar o leitor no desenvolvimento desta pesquisa, o artigo está estruturado em quatro seções subsequentes, além desta introdução e do resumo inicial. A segunda seção apresenta a fundamentação teórica, revisando conceitos-chave da ginecocrítica e do feminismo pós-colonial. A terceira seção detalha os procedimentos metodológicos e justifica a escolha do corpus literário. A quarta seção é dedicada à análise comparativa propriamente dita, subdividida em eixos temáticos que abordam o corpo, a memória e a linguagem. Por fim, as considerações finais sintetizam os resultados obtidos, apontando as conclusões do estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise da representação feminina na literatura contemporânea exige um instrumental teórico que dê conta não apenas das estruturas textuais, mas também das condições históricas, sociais e políticas de produção das obras. Sendo assim, esta seção articula os conceitos da crítica literária feminista tradicional com as vertentes contemporâneas e pós-coloniais, estabelecendo a base necessária para o diálogo entre as tradições anglófona e lusófona.

A EVOLUÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA E A GINECOCRÍTICA

O estudo da literatura sob a perspectiva de gênero ganhou contornos teóricos sistemáticos a partir da segunda metade do século XX, embora encontre suas raízes em reflexões anteriores, como as de Virginia Woolf na década de 1920. Woolf (2014) já sinalizava que a ausência histórica de mulheres na tradição literária não decorria de uma incapacidade criativa inata, mas sim da falta de condições materiais e de independência financeira — simbolizadas pela metáfora do "teto todo seu".

À medida que os estudos de gênero avançaram, a crítica literária feminista dividiu-se em correntes metodológicas para dar conta dessas lacunas históricas. Uma das contribuições mais significativas para a consolidação dessa área foi proposta por Elaine Showalter, que cunhou o termo "ginecocrítica" para delimitar um campo de investigação focado especificamente na produção literária feminina. Conforme aponta a teórica norte-americana:

> Se nos detivermos no exame da crítica feminista, veremos que ela se dividiu em duas variedades distintas [...]. A primeira trata da mulher como leitora — com a mulher como consumidora da literatura produzida pelo homem [...]. A segunda variedade da crítica feminista trata da mulher como escritora — com a mulher como produtora de significado textual, com a história, os temas, os gêneros e as estruturas da literatura escrita por mulheres. Suas disciplinas de análise incluem a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária feminina. (SHOWALTER, 1994, p. 24).

A ginecocrítica, portanto, desloca a mulher

da posição de mero objeto do olhar masculino (the male gaze) e a eleva à condição de sujeito da própria escrita. Esse movimento é fundamental para a literatura contemporânea, pois válida a especificidade da experiência feminina como matéria-prima para a criação de novas estéticas e estruturas narrativas.

INTERSECCIONALIDADE E A ESCRITA DE RESISTÊNCIA NO CENÁRIO ANGLÓFONO

Embora a primeira onda da crítica feminista tenha sido essencial para abrir espaço no cânone, ela foi criticada por sua tendência a universalizar a experiência da "mulher" a partir de uma perspectiva ocidental, branca e de classe média. No cenário de língua inglesa contemporâneo, essa visão homogeneizante foi fraturada pela introdução do conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw e amplamente difundido por teóricas como Bell Hooks.

Para Hooks (2019), o gênero não pode ser analisado de forma isolada das matrizes de opressão que envolvem a raça e a classe social. Na literatura anglófona do século XXI, autoras como Zadie Smith e Chimamanda Ngozi Adichie incorporam essa visão plural, construindo personagens femininas cujas identidades são moldadas por choques culturais, pela diáspora e pelo racismo estrutural. A representação feminina, nesse contexto, afasta-se de um idealismo utópico e passa a retratar as fraturas de sujeitos fragmentados que navegam entre a herança de seus países de origem e as pressões do capitalismo global.

A CRÍTICA FEMINISTA LUSÓFONA: IDENTIDADE, MEMÓRIA E ESCREVIVÊNCIA

No contexto da língua portuguesa, a recepção das teorias feministas adaptou-se a realidades pós-coloniais e de redemocratização tardia. No Brasil, a compreensão da autoria feminina contemporânea passa necessariamente pelo entendimento de que o ato de escrever, para a mulher, configura-se como um gesto político de autoafirmação.

Dialogando com essa perspectiva, Hollanda (2019) argumenta que a virada do século XXI trouxe para a cena literária vozes que não apenas reivindicam o direito à palavra, mas que também fraturam a homogeneidade do discurso literário tradicional ao inserirem marcadores de raça, classe e territorialidade em suas narrativas, transformando a literatura em um território de disputa e de cura identitária.

Essa transformação teórica e prática ganha contornos fundamentais com o conceito de "escrevivência", formulado pela escritora e teórica brasileira Conceição Evaristo. A escrevivência define-se como uma escrita que nasce do cotidiano, das lembranças e da vivência das mulheres negras, unindo a história individual à coletiva. Segundo Zolin (2009), a crítica literária lusófona contemporânea tem se debruçado sobre essas obras para compreender como a representação da mulher está intimamente ligada à necessidade de resgatar memórias soterradas pelo processo de colonização e pela marginalização social.

Assim, enquanto a fundamentação teórica anglófona oferece ferramentas consolidadas para pensar a globalização e a institucionalização das opressões, a teoria lusófona enriquece o debate ao focar na dimensão afetiva, histórica e social da exclusão, fornecendo o arcabouço ideal para o exercício da literatura comparada que se propõe nas seções seguintes.

DESENVOLVIMENTO: ANÁLISE COMPARATIVA DA REPRESENTAÇÃO FEMININA

A análise da representação feminina na prosa contemporânea exige um olhar atento às especificidades estéticas e de conteúdo que diferenciam os blocos linguísticos anglófono e lusófono. Embora ambos os lados compartilhem o desejo urgente de romper com as amarras históricas do patriarcado e de reescrever os cânones literários tradicionais, os caminhos escolhidos pelas autoras revelam como a geografia, a história colonial e a plasticidade da linguagem condicionam a construção da subjetividade feminina.

Enquanto a literatura anglófona frequentemente dialoga com as fraturas do capitalismo tardio, com o hibridismo cultural das metrópoles globais e com as pautas interseccionais de gênero e raça — muitas vezes ancoradas em uma tradição de confissão e autoficção —, o universo lusófono tenciona as marcas profundas de passado colonial, das diásporas e das reconstruções identitá-

rias pós-coloniais. Nesses textos, a opressão de gênero não se dá de forma isolada, mas imbricada com as cicatrizes da violência política, da migração e do silenciamento institucional, transformando a escrita de autoria feminina em um território fértil de descolonização dos corpos e da própria língua.

O CORPO FEMININO: ENTRE A DISTOPIA INSTITUCIONAL E O TRAUMA ÍNTIMO

A primeira grande divergência e convergência entre as tradições analisadas reside na representação do corpo da mulher. Na literatura contemporânea de língua inglesa, o corpo feminino é frequentemente representado como um território de disputa ideológica e política em macroescala, profundamente exposto às engrenagens do controle estatal e do tecnocapitalismo. O exemplo máximo dessa vertente encontrasse na obra de Margaret Atwood, especialmente em O Conto da Aia. Atwood projeta uma distopia totalitária em que o corpo da mulher é estatizado, burocratizado e reduzido à sua função estritamente reprodutiva por um regime teocrático implacável.

A opressão, portanto, deixa de pertencer exclusivamente ao âmbito privado ou doméstico para se tornar institucional, sistêmica e operante através de estruturas globais de poder, ecoando os temores reais de retrocessos nos direitos civis e reprodutivos que continuam a assolar as democracias ocidentais. O processo de desumanização e burocratização do corpo feminino em Gilead fica evidente na descrição que a protagonista faz de si mesma, despida de sua identidade e reduzida a um receptáculo biológico:

> Somos úteros de duas pernas, apenas isso: vasos sagrados, cálices ambulantes. [...] Não quero olhar para o meu corpo. Não que seja vergonhoso ou imoral, mas é que não quero ver uma coisa que me determina de maneira tão absoluta. (ATWOOD, 2006, p. 146).

Por outro lado, na produção de língua portuguesa contemporânea, a violência contra o corpo e a perda da autonomia costumam ser abordadas sob uma perspectiva hiperfocal, intimista e profundamente psicológica, ancorada nas fraturas do cotidiano. Em O Peso do Pássaro Morto, de Aline Bei, a dor da personagem feminina não decorre de uma distopia governamental ou de um aparato estatal totalitário, mas sim das tragédias silenciosas e naturalizadas que permeiam a vida de uma mulher comum ao longo de sua trajetória de amadurecimento e envelhecimento, como o trauma devastador do abuso sexual na juventude, as pressões estéticas, os lutos abafados e a solidão asfixiante da maternidade compulsória. Para dar conta dessa vivência fragmentada e sufocante, a escrita de Bei utiliza uma prosa poética de forte apelo visual, estruturada em versos livres em que os espaços em branco na página operam ativamente como elementos narrativos, simulando o vazio existencial, a respiração contida e a mudez imposta a uma subjetividade incapaz de processar integralmente as violências de que é alvo. Em contrapartida, Aline Bei utiliza a quebra da linha e a simplicidade das palavras para retratar o peso esmagador do abuso e como o corpo passa a carregar o trauma de forma íntima:

> o meu corpo era uma coisa
> que eu não sabia
> onde pôr.
>
> os dias
> passaram
> num arrasto.
>
> um homem
> forte tinha me deitado na terra
> contra a minha
> vontade. (BEI, 2017, p. 42).

Enquanto Atwood usa o macro poder para alertar sobre os perigos da perda de direitos civis no ocidente, Bei utiliza o micropoder e a domesticidade para expor as fraturas emocionais da mulher contemporânea.

IDENTIDADE, RAÇA E A RECONSTRUÇÃO DA ANCESTRALIDADE

Quando inserimos o recorte da interseccionalidade — ferramenta analítica incontornável na crítica literária contemporânea e pós-colonial —, o contraste entre a representação da mulher negra e imigrante nas duas tradições linguísticas revela dinâmicas sociais profundamente distintas, moldadas

por suas respectivas formações históricas. Na literatura anglófona, a escritora britânica Zadie Smith, em obras capitais como Dentes Brancos e NW, investiga a complexidade da identidade feminina a partir do choque multicultural e da superpopulação de metrópoles globais como Londres. As personagens femininas de Smith enfrentam crises de subjetividade de caráter eminentemente híbrido e fluido: elas transitam e tropeçam sob o peso duplo de suas origens diaspóricas (sejam jamaicanas, caribenhas ou bengalesas) enquanto tencionam as barreiras estruturais do racismo institucional, as pressões da assimilação forçada e a resistência às amarras da cultura metropolitana dominante. A tensão dramática e política na prosa de Smith, portanto, manifesta-se nessa negociação diária e exaustiva por espaços de pertencimento e autonomia nos labirintos urbanos e intelectuais do norte global. As personagens de Zadie Smith carregam o peso de tentar moldar suas identidades em meio ao racismo velado e à pressão de assimilação cultural na metrópole londrina, como ilustra o dilema geracional e estético das personagens femininas:

Ela passara a vida inteira tentando endireitar o que Deus tinha feito crescer crespo. Passara anos tentando forçar a própria natureza a se submeter às regras de um lugar que nem sequer a reconhecia por inteiro. (SMITH, 2001, p. 284).

No bloco lusófono, a abordagem da identidade e da raça ganha contornos de resgate histórico e denúncia da sobrevivência por meio do conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo. Em Olhos d'Água, as mulheres representadas por Evaristo não estão negociando sua identidade em uma metrópole multicultural europeia; elas lutam pela sobrevivência imediata contra a violência urbana, a pobreza extrema e o racismo estrutural herdado do passado colonial brasileiro. A representação feminina em Evaristo é marcadamente coletiva. A dor de uma personagem reverbera na ancestralidade de sua mãe, de sua avó e de suas filhas. Há uma busca mística e afetiva pela memória que difere da ironia pós-moderna e urbana presente na escrita de Zadie Smith. A busca pela identidade em Evaristo não se dá pelo esforço de assimilação, mas pelo reencontro com a ancestralidade através do afeto e da dor partilhada entre gerações de mulheres. O conto que dá título ao livro sintetiza esse movimento:

Lembro-me de que a mãe de minha mãe era velha, muito velha. [...] Mas eu me lembrava tão somente de que ela era uma mulher negra. E, um dia, olhando para mim, mamãe perguntou-me se eu me lembrava dos olhos de minha avó. [...] Naquele dia, a cor dos olhos de minha mãe misturou-se à cor dos olhos de minha avó e eu soube que todos aqueles olhos eram os meus. (EVARISTO, 2014, p. 18-19).

LINGUAGEM, FORMA E A QUEBRA DO DISCURSO PATRIARCAL

A desconstrução da representação feminina na contemporaneidade não se limita aos temas de fundo, mas invade radicalmente a própria forma da narrativa, uma vez que as autoras de ambos os blocos linguísticos compreendem que a estrutura tradicional do romance — linear, de narrador onisciente e estruturada em torno de heróis universais — foi historicamente moldada por uma lógica patriarcal e excludente.

Nesse panorama de reinvenção estética, as autoras de língua inglesa tendem a utilizar a ironia cortante, a metalinguagem sofisticada, a polifonia de vozes e a subversão consciente de gêneros literários consagrados (como a ficção científica, a sátira social e o romance de formação) para desmantelar estruturas enrijecidas de poder. Escritoras como Smith e Atwood erigem obras complexas, densamente costuradas por referências intertextuais e reflexões sociológicas, desafiando ativamente as expectativas do mercado global de leitura.

Por outro lado, na tradição de língua portuguesa contemporânea, percebe-se uma inclinação visceral para a hibridização de gêneros que flertam organicamente com o lirismo poético, com o testemunho político e com a oralidade ancestral. Aline Bei desconstrói conscientemente a sintaxe tradicional, organizando sua prosa em blocos visuais que mimetizam os versos livres de um poema, priorizando o ritmo sufocante

da respiração e do fluxo de pensamento em detrimento da rigidez gramatical acadêmica. Em paralelo, Conceição Evaristo incorpora magistralmente a cadência da contação de histórias tradicional para dentro do texto escrito, cunhando o conceito de "escrevivência" para subverter a norma culta eurocêntrica e legitimar literariamente a fala, a memória e a dor das mulheres das comunidades marginalizadas.

A liberdade formal na literatura de língua portuguesa contemporânea se desvincula da métrica e da pontuação tradicionais como um reflexo da própria recusa em se enquadrar nas normas vigentes, operando o que a ginecocrítica define como uma escrita de libertação:

A escrita para mim sempre foi um jeito de desatar os nós que os outros davam na minha garganta. (BEI, 2017, p. 112).

Evidencia-se, assim, que a língua portuguesa contemporânea tem servido como um laboratório de escrita visceral e despojada, focado na emancipação radical da voz através do confronto direto com o afeto, a memória ancestral e o trauma individual ou coletivo; em contrapartida, a literatura de língua inglesa maneja com maestria as ferramentas conceituais, os artefatos estruturais da pós-modernidade e o engajamento macrocomunitário para tencionar as engrenagens globais do poder. Enquanto as autoras lusófonas operam por meio de uma arqueologia dos afetos e das fraturas íntimas para resgatar corpos silenciados, as anglófonas utilizam a lente afiada da ironia e da polifonia sistêmica para cartografar as crises do sujeito contemporâneo, provando que, embora os pontos de partida e os métodos formais divirjam, o horizonte crítico de ambas convergem para a urgente e irredutível descolonização da experiência feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa empreendida neste artigo permitiu perscrutar as complexas camadas que envolvem a representação feminina na literatura contemporânea do século XXI, evidenciando como os recortes geográficos, históricos e linguísticos atuam diretamente na modelagem da subjetividade das personagens. Ao confrontar o bloco anglófono, representado por Margaret Atwood e Zadie Smith, com o bloco lusófono, ilustrado pelas produções de Conceição Evaristo e Aline Bei, mapearam-se convergências éticas significativas, mas, acima de tudo, divergências estéticas e políticas fundamentais.

Como resposta ao problema de pesquisa inicialmente proposto, constatou-se que a assimetria cultural entre os territórios de língua inglesa e de língua portuguesa dita as escalas da opressão e da resistência representadas na prosa. Enquanto as autoras de língua inglesa tendem a projetar os conflitos de gênero em macroestruturas — operando através da denúncia de distopias institucionais e burocráticas ou das tensões multiculturais da diáspora em metrópoles globais —, as escritoras de língua portuguesa priorizam o microfoco. Na tradição lusófona, a violência patriarcal e o racismo estrutural são dissecados a partir do trauma íntimo, da domesticidade, da vulnerabilidade social imediata e do resgate de uma memória ancestral soterrada.

No âmbito formal, o estudo demonstrou que a desconstrução dos arquétipos femininos tradicionais caminha lado a lado com a subversão da própria linguagem. O corpus anglófono maneja com maestria a ironia pós-moderna, a metalinguagem e a polifonia para implodir gêneros literários consolidados. Em contrapartida, o corpus lusófona destaca-se pela hibridização visceral entre prosa, poesia e oralidade, utilizando o ritmo da respiração e o conceito de escrevivência para emancipar vozes historicamente silenciadas pelo colonialismo e pela marginalização.

Por fim, este artigo cumpriu o objetivo geral de estabelecer um paralelo crítico entre as duas tradições, demonstrando que não existe uma identidade feminina universal na literatura contemporânea, mas sim uma pluralidade de existências que demandam ferramentas críticas distintas. A relevância da pesquisa reside em situar a produção literária em língua portuguesa em pé de igualdade teórica com o circuito hegemônico anglófono, valorizando suas especificidades estéticas. Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a expansão do corpus para autoras de países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e escritoras na-

tivo-americanas e indígenas, aprofundando ainda mais os debates sobre a interseccionalidade e a decolonialidade na escrita de autoria feminina.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. O Conto da Aia. Tradução de Livia De Almeida. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BEI, Aline. O Peso do Pássaro Morto. São Paulo: Nós, 2017.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento Feminista Brasileiro: Espelhos e Radicais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, Bell. Olhares Negros: Raça e Representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no deserto. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). O Estudo do Texto Literário. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1994. p. 23-52.

SMITH, Zadie. Dentes Brancos. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WOOLF, Virginia. Um Teto Todo Seu. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica literária feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 215-238.